

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo  
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/1678-460x202339356744>

# Elementos de messianismo em pronunciamentos de Jair Bolsonaro

Clebson Luiz de Brito, Glauca Muniz Proença Lara

<https://doi.org/10.1590/1678-460x202356744>

Submetido em: 2023-03-07

Postado em: 2023-03-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)



<https://doi.org/10.1590/1678-460x202356744>

## **Elementos de messianismo em pronunciamentos de Jair Bolsonaro**

### **Elements of messianism in Jair Bolsonaro's speeches**

Clebson Luiz de Brito<sup>1</sup>

Glauca Muniz Proença Lara<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este trabalho busca apreender, à luz da semiótica discursiva, elementos do messianismo no discurso de Jair Bolsonaro. Para isso, analisa três pronunciamentos do político realizados respectivamente: a) após a confirmação da vitória nas urnas; b) durante a cerimônia de posse no Congresso Nacional; e c) após o recebimento da faixa presidencial, no Parlatório do Palácio do Planalto. Nesses pronunciamentos, o enunciador reforça os valores do grupo em que se situa, articulando ideias como combate à corrupção, conservadorismo nos costumes, rejeição a minorias sexuais e apelo a identidades religiosas e nacionalistas. Essas ideias, como procuraremos demonstrar, são reafirmadas em torno de uma vitória eleitoral com forte viés messiânico.

Palavras-chave: messianismo, Jair Bolsonaro, discurso, semiótica.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal — Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-3972-0887>. E-mail: [clebson.brito@ufrn.br](mailto:clebson.brito@ufrn.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte — Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3813-1850>. E-mail: [gmplara@gmail.com](mailto:gmplara@gmail.com)

#### **Abstract**

The aim of this paper is to identify elements of messianism in Jair Bolsonaro's discourse, using discursive semiotics. To this end, it analyzes three speeches made by Bolsonaro. The first speech was delivered after the confirmation of his victory at the polls, the second during the inauguration ceremony at the National Congress, and the third after Bolsonaro received the presidential sash at Palácio do Planalto (seat of the Federal Government). In these

speeches, Bolsonaro reinforces the values of the group to which he belongs, presenting ideas such as fighting corruption, preserving customs, rejecting sexual minorities, and appealing to religious and nationalist identities. Results show that such ideas are reaffirmed in an electoral victory with a strong messianic bias.

Keywords: messianism, Jair Bolsonaro, discourse, semiotics

## 1. Introdução

Após 13 anos de governos liderados pelo Partido dos Trabalhadores (PT), principal expoente da esquerda brasileira nos últimos 30 anos, chegou ao poder pelas eleições presidenciais de 2018 um grupo político-ideológico de extrema direita e de viés populista<sup>1</sup>, com a vitória de Jair Messias Bolsonaro. A guinada teve início, vale lembrar, com a apertada vitória eleitoral, em 2014, de Dilma Rousseff (PT) sobre Aécio Neves (PSDB), vitória que levaria a um mandato abreviado por um processo de *impeachment* que desembocou na queda da presidente, em 31 de agosto de 2016, e na consequente ascensão do seu vice-presidente, Michel Temer, ao posto principal. A guinada estaria completa dois anos depois desse processo com a vitória de Jair Bolsonaro.

No contexto dessa vitória eleitoral, o viés religioso, nacionalista e conservador foi uma das principais marcas do discurso bolsonarista, o que foi sintetizado no slogan: “o Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. A esses elementos somou-se ainda uma intensa exploração do discurso de combate à corrupção, atribuída especialmente aos governos petistas, o que foi importante para a guinada política brasileira à extrema direita, com a vitória de Jair Bolsonaro, apresentado como alternativa em (e contra) um sistema político tido como corrupto.

Assim, o conservadorismo nos costumes (inclusive com explícita rejeição a minorias sexuais), a ideia de combate à corrupção e o apelo a identidades religiosas e nacionalistas resumem os principais traços do discurso do grupo político que ascendeu ao poder no Brasil. Não à toa

---

<sup>1</sup> Assumimos essa classificação com base nos autores citados neste trabalho e também em cientistas políticos como Cristóbal Rovira Kaltwasser (Universidade Diego Portales – Chile), Nadia Urbinati (Universidade de Columbia – EUA) e Lawrence Rosenthal (Universidade da Califórnia e Centro Berkeley de Estudos sobre a Direita – EUA). Informações disponíveis em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/10/17/O-que-%C3%A9-extrema-direita.-E-por-que-ela-se-aplica-a-Bolsonaro>. Acesso em: 02/05/2019.

eles foram resgatados em três pronunciamentos de Jair Bolsonaro realizados respectivamente: a) após a confirmação da vitória nas urnas (28/10/2018); b) durante a cerimônia de posse no Congresso Nacional (01/01/ 2019); e c) após o recebimento da faixa presidencial no Parlatório do Palácio do Planalto (01/01/ 2019)<sup>2</sup>. Nesses pronunciamentos, os traços explicitados acima são articulados para (re)afirmar os valores do grupo em torno de uma vitória eleitoral com forte apelo messiânico.

Cabe explicar que se pode falar em messianismo em sentido mais restrito ou mais amplo. A noção designa, em um primeiro momento, a esperança, em um contexto de dominação por outros grupos, de uma intervenção divina na história em proveito do povo de Israel, algo, portanto, alimentado pela crença em uma eleição divina (Hruby, 1984, p. 1314).

Posteriormente, o messianismo passou a designar algo mais amplo, abarcando qualquer resposta com elementos religiosos que determinada coletividade dá ao que seria um sentimento de abandono ou opressão (Queiroz, 1966, p. 250).

Não por acaso, o messianismo encontra espaço na política, dada a sua capacidade de mobilização coletiva, como explica Fath (2010, p. 716). Tavares (1998), por exemplo, ao analisar os discursos de Fernando Collor de Mello, ao longo da campanha à Presidência da República em 1989, toma-os como realizações do discurso messiânico. Nesse caso, como explica Charaudeau (2013, p. 109-110), o político aparece como figura redentora ou “um homem providencial” capaz de promover o ideal do grupo, estabelecendo com ele um forte laço emotivo. O apelo messiânico se completa, via de regra, com a sacralização do ideal ou da perspectiva de mudança em jogo, que ganha finalidades elevadas em uma espécie de integração da história a um plano divino de salvação (Zmigrodzka, 1986, p. 226-227).

Não se trata, portanto, de uma novidade bolsonarista, mas de uma conhecida forma de apelo no discurso político. São elementos desse apelo messiânico que podem ser observados nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro mencionados anteriormente, os quais analisaremos neste trabalho. Antes, porém, julgamos oportuno passar em revista, ainda que de forma breve, alguns autores que se debruçaram sobre a ascensão da extrema direita e do bolsonarismo, questão que dialoga com a proposta deste trabalho.

---

<sup>2</sup> Fontes utilizadas: [https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-do-discurso-da-vitoria-de-jair-bolsonaro\\_](https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-do-discurso-da-vitoria-de-jair-bolsonaro_) e <https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-dos-dois-primeiros-discursos-do-presidente-jair-bolsonaro>. Acesso em: 15/04/2019.

## 2. Reflexões sobre a ascensão da extrema direita e do bolsonarismo

Em linhas gerais, as diferentes reflexões sobre o tema relacionam a ascensão da extrema direita como um todo a um movimento mais amplo, de alcance global. Ela seria fruto de crises econômicas, frustração com o sistema político das democracias e uso de ambientes virtuais como espaço de atuação em favor de políticos populistas e ultraconservadores.

Para Löwy (2015), por exemplo, esse fenômeno mais amplo é, em alguma medida, resultado de crises econômicas, mas, sobretudo, de um processo de intensificação da globalização e das políticas neoliberais, bem como da conseqüente homogeneização cultural a que esse processo tem levado. É nesse contexto que, na ótica do autor, se produz em certos grupos a sensação de risco à própria identidade, o que, por sua vez, gera “a obsessiva procura por fontes e raízes que leva a formas chauvinistas de religião, formas religiosas de nacionalismo, além de alimentar conflitos étnicos e confessionais” (Löwy, 2015, p. 656-657).

O caráter mais geral do fenômeno ora discutido e seu vínculo com bases religiosas também são destacados por Almeida (2019), que sustenta que uma parcela significativa de evangélicos compõe, de diferentes formas e em distintos graus, o processo social mais amplo que tem sido visto, nacional e internacionalmente, como uma onda conservadora. Para o autor, que analisa a articulação entre os evangélicos e o conservadorismo na atual crise brasileira, é nesse processo mais amplo que ocorre, em 2018, a eleição de um presidente com retórica de extrema direita no Brasil.

Freixo e Pinheiro-Machado (2019), no mesmo sentido, relacionam a eleição de Bolsonaro e a ascensão do bolsonarismo a um fenômeno mais amplo ligado a uma visão ultraconservadora e antissistema que tem ganhado corpo em diferentes lugares do mundo. É o que defende igualmente Solano (2019). A autora destaca que o caso brasileiro, longe de ser um fenômeno isolado, é parte de uma tendência mundial no que diz respeito à eleição de candidatos de extrema direita que exploram um discurso de renovação em um contexto de sentimento de frustração e de desesperança da população. Para ela, Bolsonaro conseguiu transformar em potência eleitoral a insatisfação popular decorrente das crises econômica e política que assolavam o país.

Assim como Solano (2019), Moura e Corbellini (2019) defendem a ideia de que Bolsonaro foi quem melhor lidou com o ódio à política e o apelo a valores tradicionais da família cristã. Os autores explicam que Bolsonaro “apresentou-se como um inimigo visceral do PT e como um político ‘diferente de tudo o que está aí’”, expressando para muitos, nas suas limitadas habilidades de comunicação, o que seria “uma autenticidade em relação ao que dizia” (Moura & Corbellini, 2019, p. 57, 64). Bolsonaro, portanto, mesmo integrando o meio político há mais de três décadas, conseguiu usar a seu favor, no contexto da eleição de 2018, o ódio difuso aos políticos de modo geral (imaginário da antipolítica) e o ódio ao PT em particular (antipetismo).

Em boa medida, esse ódio à política e ao PT foi incitado graças ao discurso anticorrupção, que tem sido demagogicamente usado, com certo êxito, para promover setores conservadores tanto na Europa quanto no Brasil (Löwy, 2015). A exploração do tema contra o PT vem ocorrendo, cabe frisar, desde o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de 2003-2006, com o caso amplamente conhecido como “mensalão”, que seria um esquema de pagamento a parlamentares em troca de apoio político ao governo. As chamadas jornadas de junho de 2013, já no governo Dilma Rousseff, também são significativas nesse sentido, pois a explosão de protestos pelas ruas do país, de um lado, revelou um esgotamento do modelo político de conciliação de interesses do executivo e do congresso através de distribuição de cargos, verbas públicas e emendas parlamentares e, de outro, permitiu a crescente ocupação da rua pela direita e pela retórica antipolítica (Freixo & Pinheiro-Machado, 2019, p. 10-12).

Mas é, sobretudo, no contexto da crise econômica dos últimos anos que o discurso anticorrupção encontrou terreno mais fértil, transformando-se efetivamente em sinônimo de antipetismo, como foi verificado por Telles (2015), citada por Messenberg (2017, p. 634-635), a propósito da visão dos manifestantes que foram às ruas em 2015 pedir o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (PT). Nessa perspectiva, “ao PT é atribuída a responsabilidade tanto da crise econômica que nos assola mais diretamente nos últimos três anos, quanto ao que é reconhecido por eles como um dos principais, senão o principal problema do país: a corrupção” (Messenberg, 2017, p. 634).

Contribuiu para isso, em grande medida, a espetacularização das ações da chamada “Operação Lava jato”, criada para apurar casos de corrupção em contratos da Petrobras. Houve intenso uso das denúncias pelos principais meios de comunicação, em particular o

Jornal Nacional da TV Globo, que apresentava as ações da referida operação como enredo de novela, capítulo por capítulo (Moura & Corbellini, 2019, p. 56- 57). Em 2018, Bolsonaro acabou sendo o maior beneficiário da agenda anticorrupção da Lava jato, que emparedou o sistema político de modo geral e atacou o PT em particular.

Nas análises de Moura e Corbellini (2019, p. 54-57), isso é evidenciado pelos efeitos dessa operação na dinâmica de votos de 2018. A força política que disputou essa eleição com o lulismo, centralizado na figura de Lula e na lembrança positiva de um governo popular<sup>3</sup>, já não era mais o PSDB, com o qual o PT concorria em todas eleições presidenciais anteriores desde 1994, mas o chamado “partido da Lava jato”, que, na figura de Bolsonaro, representava o antipetismo e a antipolítica (Moura & Corbellini, 2019, p. 54-57). O resultado, como explicam os autores, foi uma eleição disruptiva, com a rejeição ao PT e ao sistema político como um todo em benefício de Bolsonaro.

O papel das mídias digitais também merece ser ressaltado, pois sua exploração está ligada à ascensão de lideranças populistas da extrema direita, como já foi dito. Esse aspecto é destacado por Empoli (2020), que ressalta o papel do emprego de *fake news* e da intensa exploração do ambiente virtual para incitação a visões nacionalistas intolerantes. Para ele, esses são aspectos fundamentais do atual populismo de extrema direita pelo mundo, no qual ele inclui Bolsonaro e personalidades como Trump e Boris Johnson. O autor relaciona o sucesso de populistas de extrema direita a estratégias comunicativas ligadas a algoritmos das redes sociais, algo que tem por trás os “engenheiros do caos”, isto é, articuladores que, como Steve Bannon, buscam exercer influência nas eleições. Moura e Corbellini (2019, p. 30) também destacam o papel das redes sociais e em especial do *whatsapp* na eleição de 2018, explicitando o papel decisivo dos celulares no “empoderamento” dos eleitores indignados.

Sobre isso, é oportuno destacar dois dossiês publicados pela revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*, em 2020, que versam sobre os mecanismos digitais e semióticos dos populismos contemporâneos. Na apresentação do primeiro dossiê, D. N. Silva (2020a), inspirado em

---

<sup>3</sup> Para Moura e Corbellini (2019, p. 54-55), “o voto em Haddad foi expressão do lulismo [...] muito mais do que da força do PT. [...] O lulismo é um fenômeno que conjuga um líder altamente popular e uma narrativa histórica estruturada sobre o país. Envolve gratidão que transcende o clientelismo clássico. É a gratidão pelo acesso a oportunidades. Uma identificação de classe e de propósitos: Lula é percebido como o político que ‘governou para os pobres’. Além disso, também mobiliza o orgulho de parte da população em ver um ‘igual’ dominar o Olimpo da política”.

Cesarino (2019), afirma que, no Brasil, as regularidades na produção de padrões semióticos no *whatsApp* e em outras mídias digitais e sua divulgação para públicos diversos integram uma “ciência do populismo”, entendida como um processo planejado de produção digital da figura do “povo”, encarnado por um líder carismático que se opõe a um “inimigo” (D. N. Silva, 2020a, p. 388). De acordo com o autor, os mecanismos digitais respondem, em grande medida, pela popularidade de Jair Bolsonaro.

Nesse dossiê (parte I), entre outros, há os artigos de Cesarino (2020), que, focalizando a última década, investiga a forma como as dinâmicas das redes sociais e a mecânica da mobilização populista se relacionam a partir de um campo estrutural partilhado; o de El-Jaick (2020), que, com base em um estudo de caso – o discurso proferido pelo então deputado federal Jair Bolsonaro por ocasião da votação do *impeachment* de Dilma Rousseff –, discute e (tenta) formular uma ética discursiva; e o do próprio D. N. Silva (2020b), que examina as diferentes camadas da “pragmática do caos” de Bolsonaro, entendida, na visão do autor, como o “método reflexivo, ordenado e laminado de produzir um sentimento permanente de agitação, névoa e mal-estar em audiências políticas enquanto uma agenda conservadora e de livre mercado é radicalizada no Brasil” (D. N. Silva, 2020b, p. 507). Esses três artigos, em linhas gerais, ressaltam diferentes aspectos da crescente radicalização da extrema direita bolsonarista no Brasil.

A apresentação da parte II do dossiê, também assinada por D. N. Silva (2020c), explica que, a exemplo da parte I e, portanto, ainda à luz dos populismos, são reunidos artigos que buscam, entre outros aspectos, compreender as transformações da política contemporânea, bem como das relações sociais advindas das novas infraestruturas de comunicação. Entre esses artigos, destacamos três: o de Viscardi (2020), em que a autora analisa como Jair Bolsonaro, em sua conta oficial do Twitter, emprega os substantivos “fake news”, “mentira” e “verdade”, tanto na condição de candidato como na de presidente eleito; o de D. C. P. Silva (2020), em que ele busca investigar práticas relacionadas ao bolsonarismo *online*, enquanto manifestação de um populismo digital de extrema direita, a partir de interações desencadeadas por uma postagem do presidente, também em sua conta oficial no Twitter, às vésperas dos 55 anos do Golpe de 64; e o de Mercuri e Lima-Lopes (2020) que aborda o discurso do ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. Os autores mostram que, mesmo antes da campanha eleitoral de 2018, já havia indícios do populismo digital, bem como da tática política de estabelecer um eixo sintagmático amigo-inimigo.

No viés linguístico-discursivo – que nos interessa mais de perto –, ressaltamos ainda a instigante obra de Baronas (2021), que busca apreender como os não linguistas (jornalistas, psicanalistas, escritores, cartunistas, entre outros) fazem circular, em plataformas digitais, reflexões acerca da “língua de Bolsonaro”, com a observação de aspectos que vão do vocabulário ao discurso. Mais especificamente, o autor examina como o que ele chama de “linguística *folk*” (Baronas, 2021, p. 13) lida com os discursos do ódio, considerando que Bolsonaro, mesmo antes de assumir a presidência, se notabilizava por declarações antiéticas, grosseiras, insultuosas dirigidas a todos os que não partilham seus posicionamentos negacionistas, preconceituosos, homofóbicos, misóginos e xenófobos.

Como é possível perceber por esta breve (e limitada) revisão de literatura, a ascensão da extrema direita configura-se como um tema de debate, mais que atual, urgente. Nesse contexto, as estratégias comunicativas e o uso da linguagem em produções discursivas de personalidades como Bolsonaro tornaram-se objetos privilegiados de estudo nos últimos anos, ganhando ainda mais atenção no atual quadro da corrida presidencial de 2022. Nosso objetivo aqui é, contribuindo em alguma medida com esse amplo debate, analisar, como foi dito, os elementos de messianismo observados nos pronunciamentos de Bolsonaro apontados na introdução deste trabalho. Essa análise se valerá de categorias teórico-metodológicas da semiótica discursiva (ou greimasiana), que procuraremos apresentar na seção a seguir.

### **3. A abordagem teórica**

A semiótica que utilizamos neste trabalho é a teoria fundada pelo lituano, radicado na França, Algirdas Julien Greimas (1917-1992), razão pela qual é conhecida igualmente como semiótica greimasiana. Trata-se de uma disciplina cujo projeto é descrever a organização do sentido independentemente da linguagem que permite sua manifestação. Para isso, compreende a significação discursiva como o resultado de operações de conversão que complexificam uma forma mais elementar do sentido, sem tirar-lhe a identidade inicial, assim como, por analogia, o crescimento de um ser vivo não lhe retira a identidade (Hénault, 2012, p. 205).

No âmbito da teoria, essas operações, que incidem sobre o plano de conteúdo dos textos, constituem o chamado *percurso gerativo de sentido*, que apresenta *estruturas discursivas*, que compõem uma parte mais concreta e complexa (mais elaborada) do sentido, e *estruturas*

*semióticas* (ou sêmio-narrativas), que são mais simples e abstratas em relação àquelas e que se dividem ainda em dois níveis de profundidade: um nível *narrativo* (dito intermediário) e um nível mais profundo (Greimas & Courtés, 2008, p. 234).

Cada um desses patamares apresenta conteúdos examinados em um componente semântico, além de arranjos em que se articulam esses conteúdos, o que é examinado no componente sintático. Por uma questão de espaço, daremos destaque aqui, sobretudo, às categorias que serão mais diretamente exploradas na análise à frente, permitindo compreender o que, em termos semióticos, dá sentido ao apelo messiânico no discurso.

O nível mais profundo é o que abriga as estruturas *fundamentais*. Trata-se da forma elementar da significação, que é apreendida como uma oposição semântica do tipo /A/ *versus* /B/, oposição que organiza de forma abstrata o discurso como um todo e que é formada por dois termos que guardam entre si uma espécie de identidade, um denominador comum. É o caso de /vida/ *versus* /morte/, que têm a ver com o plano da existência. Essas estruturas estão relacionadas ao postulado de que a mensagem, para ser compreendida, deve estruturar-se como uma unidade significativa simples (Hénault, 2012, p. 129-130), ou seja, como uma categoria semântica de base.

A oposição do nível fundamental participa ainda de um sistema axiológico, graças à categoria tímica (do grego, *thymós*: disposição afetiva fundamental). Em cada discurso, um dos termos da oposição é marcado com um traço de positividade e o outro, com um traço de negatividade. O traço de positividade recebe o nome de euforia, e o termo por ele marcado é definido como eufórico; o traço de negatividade, por sua vez, recebe o nome de disforia, e o termo por ele marcado é definido como disfórico (Greimas & Courtés, 2008, p. 505).

Além desses elementos mais propriamente semânticos, há no nível fundamental operações lógicas que configuram o componente sintático desse nível. Com efeito, os termos da oposição podem participar de um jogo de *afirmações* e *negações* que permitem a descrição de um percurso elementar capaz de dar conta do que se mostra na sucessividade do texto (Fiorin, 2006, p. 23).

Esses elementos, que integram o nível mais profundo do *percurso gerativo de sentido*, são atualizados no nível narrativo, que os converte em estruturas que dão conta de transformações

de estado. A passagem de um dos termos da oposição semântica de base ao outro corresponde, no nível narrativo, à passagem da *falta* à *posse* de um dado objeto de valor por um sujeito ou o contrário, a passagem da *posse* à *falta*, o que pode manifestar-se no discurso de diferentes formas: pobreza *versus* riqueza; ignorância *versus* saber etc. (Hénault, 2012, p. 90-91).

As etapas que dão contorno à narrativa se constroem, assim, graças à busca (ou disputa) de objetos de valor por sujeitos e às relações contratuais ou conflituosas entre diferentes sujeitos. A sintaxe narrativa analisa justamente os papéis actanciais e as etapas narrativas que permitem as transformações de estado, enquanto a semântica narrativa analisa as modalizações que incidem sobre o sujeito operador da narrativa (o sujeito de fazer) e sobre a relação do sujeito (de estado) com o objeto de valor.

O último patamar do percurso gerativo de sentido é o discursivo, patamar decorrente da enunciação, isto é, do ato de produzir o discurso-enunciado. É nesse patamar, portanto, que os elementos mais abstratos ganham concretização, o que é importante, entre outros, para determinar aspectos ideológicos do enunciador. Como explica Fiorin (2007, p. 20-21), diferentes produções textuais podem fazer apelo, por exemplo, à liberdade, mas é preciso observar o que efetivamente concretiza, em um dado discurso-enunciado, a liberdade e o que nele é tomado como opressão, o que varia e indica posições ideológicas diferentes<sup>4</sup>.

Isso tem a ver mais especificamente com o componente semântico do nível discursivo, o qual examina os processos de *tematização* e de *figurativização* resultantes das estruturas narrativas: o primeiro ocorre quando os investimentos semânticos são os temas, isto é, recursos que permitem discorrer de modo abstrato sobre a realidade; e o segundo, quando se usam as *figuras*, ou seja, termos que permitem ao enunciado se referir a elementos do mundo natural, criando, pois, um simulacro do mundo extradiscursivo no interior do próprio discurso. Esses dois processos resultam, vale ressaltar, em duas grandes classes de discursos: os predominantemente temáticos (ou abstratos) – como é o caso dos textos científicos e filosóficos – e os predominantemente figurativos – como é o caso de romances, mitos e contos, que criam um simulacro do mundo (Lara & Matte, 2009, p. 69).

---

<sup>4</sup> Do ponto de vista semiótico, a *ideologia* pode ser tomada como “um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo” (Fiorin, 2007, p. 32), o que permite dizer que há, em uma sociedade, tantas ideologias quantas forem as classes e/ou grupos que a compõem.

Já do ponto de vista sintático, são examinadas as projeções da enunciação no enunciado e os diferentes efeitos de sentido – de realidade ou referência, de objetividade, de subjetividade etc. – desencadeados pelo uso de categorias de pessoa, tempo e espaço. Além disso, são examinadas nesse componente as relações entre enunciador e enunciatário tecidas no discurso-enunciado, o que remete à argumentação, que, em semiótica, compreende tudo o que o enunciador mobiliza para *fazer* o enunciatário *crer* no discurso a ele apresentado.

Diferentes categorias do *percurso gerativo de sentido*, brevemente apresentado acima, permitem compreender melhor as estruturas que dão sentido à ideia de messianismo manifestada no discurso. Conforme foi defendido em Brito (2015), o messianismo no discurso implica representar a história como uma articulação, de um lado, de /sacralidade/ *versus* /profanidade/ e, de outro, de /liberdade/ *versus* /opressão/. Nessa articulação, o presente é marcado por temas e figuras discursivas que concretizam algum tipo de /opressão/ ligada a um afastamento em relação ao sagrado (/profanidade/). Trata-se de um tempo de espera, tempo no qual se aguarda, por meio de uma intervenção de alguma instância que se apresenta como vinculada ao sagrado, o retorno à condição tida como de perfeição e de plenitude que concretizaria, em última análise, os termos /sacralidade/ e /liberdade/.

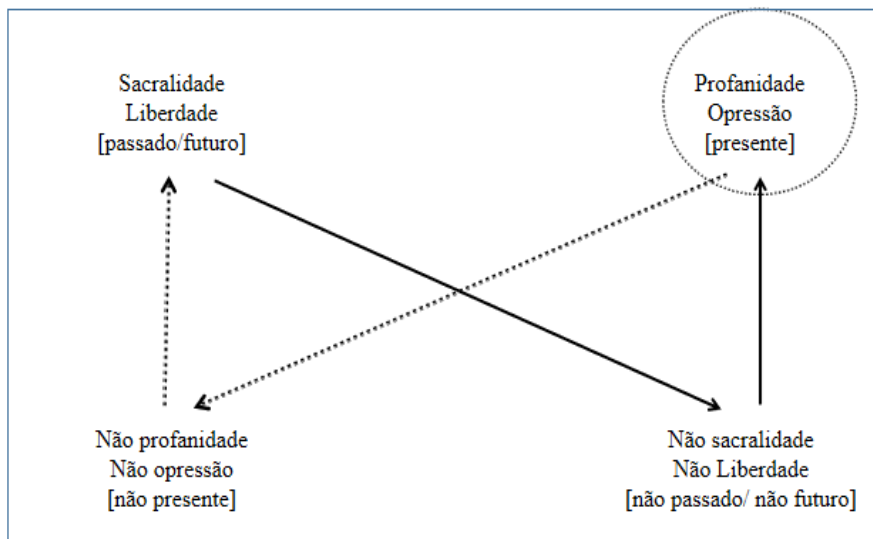
Essa forma de compreender a história envolve ainda uma forma de se relacionar com o passado, pois todo discurso messiânico refere-se a um mítico passado de plenitude perdida que se procura reaver no futuro (Brito, 2015, p. 125). Com efeito, a redenção messiânica pressupõe uma espécie de queda: uma afirmação anterior dos termos eufóricos: /sacralidade/ e /liberdade/, em um passado perdido, termos que são posteriormente negados para uma subsequente afirmação dos termos disfóricos: /profanidade/ e /opressão/ (afirmação que ocorre no presente) (Brito, 2015, p. 125). Ao mesmo tempo, ela implica uma projeção no futuro da negação da /opressão/ e da /profanidade/, de um lado, e da afirmação da /liberdade/ e da /sacralidade/, de outro, o que permitiria o retorno à perfeição e à plenitude perdidas no passado.

É o que se vê representado no quadrado semiótico a seguir, que sintetiza a organização fundamental do *discurso messiânico*<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> A forma circular marca o presente construído no discurso messiânico, presente ligado à /opressão/ e à /profanidade/ que são denunciadas nesse discurso. As setas contínuas marcam a “queda”, que resulta na condição negativa do presente (negação da /liberdade/ e da /sacralidade/ → afirmação da /opressão/ e da /profanidade/),

**Figura 1** — Representação das estruturas fundamentais do discurso messiânico



Fonte: Brito (2015, p. 122)

A realização efetiva desses elementos no discurso de Bolsonaro será apresentada e discutida mais à frente (ver item 4), mas é possível ao leitor compreender melhor essa forma semiótica de apreensão do discurso messiânico relacionando-a ao que Schwarcz (2019) observa sobre o reavivamento do autoritarismo no Brasil, com a guinada conservadora e reacionária que surgiu das urnas no pleito de 2018. A autora explica que isso envolve, entre outros, um discurso de nostalgia da ditadura e de exaltação de um passado nacional mitificado, uma espécie de “idade de ouro” perdida. É em nome de um resgate de uma vida (imaginariamente) plena, perdida nos passado, que líderes messiânicos apresentam projetos autoritários salvacionistas que, via de regra, excluem grupos minoritários de diferentes tipos (sexuais, religiosos, econômicos etc) (Schwarcz, 2019).

Isso, aliás, tem relação com o que envolve o discurso messiânico no nível narrativo do percurso gerativo de sentido. Nesse nível, evidencia-se um simulacro de contrato entre um grupo tido como eleito e um destinador transcendente, graças, especialmente, a uma sanção negativa do *outro* (Brito, 2015, p. 167). Por meio dela, reafirmam-se os valores de um (simulacro de) contrato entre o sujeito e a instância divina, fazendo acreditar em uma

---

enquanto as setas pontilhadas sinalizam a “espera”, que é o percurso da redenção projetada à frente, no futuro (negação da /opressão/ e da /profanidade/ → afirmação da /liberdade/ e da /sacralidade/).

redenção futura que passa pela eliminação e/ ou assimilação de grupos tomados como antissujeitos<sup>6</sup>. É isso que está na base da forte rejeição expressa no discurso messiânico aos “diferentes”, algo que Schwarcz (2019) relaciona com o recrudescimento do autoritarismo ocorrido no Brasil a partir do pleito de 2018 e que, como veremos, é atualizado nos pronunciamentos de Bolsonaro.

Já no nível discursivo, assistimos à construção de um aqui/agora de véspera de plenitude. O discurso-enunciado apresenta, por isso, um caráter prospectivo, em que o enunciador aponta (denuncia) uma série de males no presente e promete (anuncia) uma plenitude em um futuro breve por força de uma intervenção divina na história, algo que se dará para o proveito de um *nós* instalado no texto e para a hegemonia de seus valores (Brito, 2015, p. 170). Esse tom de virada histórica e início de uma nova era de plenitude, que se apresenta também como um resgate do passado mítico perdido, é constitutivo do discurso messiânico, algo que, como veremos, é evocado fortemente nos pronunciamentos de Bolsonaro, que passamos a analisar na sequência.

#### **4 Análise dos pronunciamentos**

Conforme foi dito na Introdução, os principais traços do discurso do grupo político hoje no poder no Brasil são a ideia de combate à corrupção, a defesa do conservadorismo nos costumes e, ligada a isso, uma manifesta rejeição, sobretudo, a minorias sexuais, além de um apelo a identidades religiosas e nacionalistas. Esses elementos, que fazem parte do discurso da extrema direita, podem ser observados nos pronunciamentos feitos pelo enunciador-presidente quando de sua vitória e posse, pronunciamentos que assumem, além disso, um forte apelo messiânico.

Isso ocorre na medida em que a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro é, nos textos em foco, tomada como parte de um projeto divino de redenção da nação brasileira. Como já mencionamos, o messianismo implica integrar a história a um plano divino de salvação, o que é feito nos três pronunciamentos citados, pois, em todos eles, a referência a Deus abre e fecha a fala de um enunciador que, eleito, atribui a si a missão de livrar a nação brasileira de uma

---

<sup>6</sup> Por antissujeito, pode-se entender tanto aquele que se opõe ao sujeito e disputa com ele o mesmo objeto de valor (cf. Barros, 1988, p. 43), quanto aquele que age em desacordo com o programa que lhe foi inicialmente proposto (cf. Tatit, 2002, p. 193). É nesse segundo sentido que tomamos aqui o papel actancial de antissujeito.

série de males provenientes de inimigos que criam desordem social e moral. Essa é a tônica dos três pronunciamentos em foco, o que nos remete à ideia de *redenção*, fundamental no quadro do messianismo.

No primeiro pronunciamento (P1)<sup>7</sup>, ocorrido após a confirmação da vitória nas urnas, em novembro de 2018, o enunciador começa citando uma passagem bíblica que dá suporte a seu discurso sobre libertar a nação brasileira de seu estado de /opressão/:

P1 “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.  
A verdade vai libertar este grande país, e a liberdade vai nos transformar em uma grande nação.  
P1 O que ocorreu hoje nas urnas não foi a vitória de um partido, mas a celebração de um país pela liberdade.  
P1 O propósito de transformar o nosso Brasil em uma grande, livre e próspera nação.  
[...] vamos juntos transformar esse país em uma grande nação. Uma nação livre, democrática e próspera!

O enunciador-presidente, nesse caso, atribui a si um papel providencial, assumindo-se como uma figura messiânica capaz de libertar a nação brasileira do domínio dos inimigos. Isso porque, além de se colocar, nesse pronunciamento, como “defensor da liberdade”, o enunciador faz referência a um “chamado das ruas” e à “esperança” que tinha sido nele depositada ao longo da campanha eleitoral:

P1 Durante a nossa caminhada de quatro anos pelo Brasil, uma frase se repetiu muitas vezes: “Bolsonaro, você é a nossa esperança”.  
[...]  
Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.

Essa projeção de si como figura messiânica é reforçada pelo enunciador quando faz referência ao que seria uma proteção divina por ocasião do atentado que sofreu durante a campanha eleitoral, isto é, a facada de que foi alvo em Juiz de Fora-MG, quando fazia comício nessa cidade. Procedimento muito comum nos casos de messianismo<sup>8</sup>, o evento em questão é, nos

---

<sup>7</sup> Utilizaremos as seguintes siglas ao longo deste artigo: P1= pronunciamento feito por Bolsonaro após a confirmação da vitória nas urnas; P2 = pronunciamento feito durante a cerimônia de posse no Congresso Nacional; P3 = pronunciamento feito após o recebimento da faixa presidencial no parlatório do Palácio do Planalto.

<sup>8</sup> Apenas a título de exemplo, temos o caso do messianismo português, que, como explicam Emery e Pereira (2015, p. 19), tem início com o caráter mítico de que se revestiu a vitória de Afonso Henriques em uma expedição do outro lado do Tejo no âmbito da Reconquista, em 1139, vitória que ensejou sua autopromoção como rei de Portugal. Anos mais tarde, no imaginário messiânico português, esse acontecimento passou a ser tomado como uma manifestação da intervenção divina na fundação do reino, o que serviria de base para uma crença em um lugar reservado por Deus a Portugal, algo que foi evocado em escritos de Padre Vieira e de Fernando Pessoa.

três pronunciamentos, revestido de um claro componente mágico (vide a figura do milagre) que faz da vida do enunciador e de sua vitória eleitoral parte de um plano divino de resgate do país, como se vê nestes excertos:

P1 Mesmo no momento mais difícil desta caminhada, quando, por obra de Deus e da equipe médica de Juiz de Fora, ganhei uma nova certidão de nascimento [...].  
P2 Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora operaram um verdadeiro milagre. Obrigado, meu Deus!  
Hoje aqui estou fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus pela minha vida.  
P2 Por isso, quando os inimigos da pátria, da ordem e da liberdade tentaram por fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo forte e indestrutível e nos trouxe até aqui.  
P3 Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis.

Desse modo, a vitória de Bolsonaro passa a ser tomada como a correção de uma rota danosa (a dos “inimigos da pátria, da ordem e da liberdade”), correção que integra o projeto divino e que se realiza por força da fé (“vocês que oraram por mim e por minha saúde”). Essa é, portanto, uma forma de relacionar o quadro político e social mais imediato com o quadro do messianismo, o que resulta em um forte apelo no discurso do enunciador-presidente. Nesse sentido, a possível mudança no quadro social e político com a vitória de Bolsonaro ganha nos pronunciamentos uma dimensão maior, sendo associada a algo próprio do messianismo: a ideia de redenção. É o que expressam fragmentos como:

P1 Orações de homens, mulheres, crianças, famílias inteiras que, diante da ameaça de seguirmos por um caminho que não é o que os brasileiros desejam e merecem, colocaram o Brasil, nosso amado Brasil, acima de tudo.  
P2 Aproveito este momento solene e convoco cada um dos congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e reerguer nossa pátria, libertando-a definitivamente [...]  
Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com seu destino e se torne a grande nação que todos queremos. [...] “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.

É possível avançar um pouco mais na análise, buscando explicitar melhor como as categorias semânticas e as operações que o messianismo implica, em termos de construção de discurso, são concretizadas nos textos em análise, dando mais sentido à ideia de redenção que os pronunciamentos buscam explorar. Já vimos que há uma projeção de /liberdade/ e /sacralidade/ para um futuro próximo, na medida em que a vitória eleitoral é tomada como parte de um plano divino para libertar o país.

Ora, a ideia de livramento e a ênfase dada ao desejo de liberdade no discurso da vitória eleitoral de Bolsonaro denunciam o que se toma aí como um quadro de /opressão/, que é tido, de algum modo, como resultado de um afastamento do plano divino para o país (/profanidade/), plano que, por isso, precisaria ser restabelecido. Essa /opressão/ se realiza no discurso em questão de diferentes formas que podem, no entanto, ser articuladas e resumidas naquilo que o enunciador compreende ser o reflexo do domínio de um grupo político associado à corrupção e a uma ideologia que afronta os valores morais e os preceitos religiosos de tradição judaico-cristã.

No pronunciamento inicial, os elementos que concretizam a /profanidade/ e a /opressão/ no presente são apenas sugeridos, como se pode ver a seguir:

<p>P1 Liberdade é um princípio fundamental: liberdade de ir e vir, de andar nas ruas, em todos os lugares deste país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas.</p> <p>P1 [...] vamos confiar nas pessoas. Vamos desburocratizar, simplificar e permitir que o cidadão, o empreendedor, tenha mais liberdade para criar e construir e seu futuro.</p> <p>Vamos “desamarrar” o Brasil.</p> <p>P1 Libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que foram submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas.</p> <p>P1 Como defensor da liberdade, vou guiar um governo que defenda e proteja os direitos do cidadão que cumpre seus deveres e respeita as leis; elas são para todos.</p>
--

Nos trechos citados, a /opressão/ do presente parece restrita ao predomínio do que o enunciador chama de “viés ideológico” a que estariam submetidos o país e suas relações exteriores (o Itamaraty), algo que afastaria, de acordo com texto, o Brasil “das nações mais desenvolvidas”. Desse mal o enunciador promete livrar o país. É possível, porém, recuperar, nas entrelinhas de certas referências, elementos negativos relacionados à situação atual do país (o presente). É o caso das referências à *segurança pública* (“liberdade de ir e vir, de andar pelas ruas, em todos os lugares deste país”); à *liberdade de expressão* (“liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas”) e de *religião*, bem como a referência à necessidade de “desburocratizar, simplificar e permitir que o cidadão, o empreendedor, tenha mais liberdade para criar e construir e seu futuro”, a necessidade, enfim, de “desamarrar” o Brasil”.

Essas referências indicam uma /opressão/ no presente, concretizada pelos temas da dominação ideológica que atrasaria o país; da insegurança e da violência; das perseguições a determinadas opiniões e crenças; e de algo que o enunciador considera serem os entraves

atuais de um Estado grande e intervencionista, que cercearia a “liberdade” de empreender. Salvo o item final, que é uma marca específica do discurso do neoliberalismo, os demais, por serem genéricos, parecem aplicáveis a qualquer viés político, sugerindo uma /opressão/ sobre a qual haveria consenso.

Em boa medida, porém, esse quadro de /opressão/, que o enunciador apenas sugere nesse primeiro pronunciamento, corresponde àquilo que, como foi apontado nas seções iniciais deste trabalho, é explorado no discurso da extrema direita, que se nutre, fundamentalmente, da busca pela preservação de uma identidade ameaçada, como procuraremos explicar. Nos demais pronunciamentos isso fica mais nítido.

No pronunciamento de posse, no Congresso Nacional, os temas genericamente tratados no discurso da vitória ganham maior definição, de modo que aquilo que concretiza os termos negativos (/profanidade/ e /opressão/) no presente – o quadro de corrupção, de desvios morais e do que seria um excessivo controle estatal – vai ficando mais nítido, como se vê em:

P2 Aproveito este momento solene e convoco cada um dos congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e reerguer nossa pátria, libertando-a definitivamente do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.  
P2 Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas.  
P2 E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.  
P2 Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade.  
P2 O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender respeitando o referendo de 2005, quando optou nas urnas o direito à legítima defesa.  
P2 Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança de nossos familiares. Contamos com o apoio do Congresso Nacional para darem respaldo jurídico para os policiais realizarem seu trabalho. Nossas forças armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional [...].  
P2 [cidadãos] Que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias [...]

Nesses trechos, fica clara a referência à corrupção, tema amplamente explorado pela campanha de Bolsonaro e intensamente associado às gestões petistas, algo que, como já explicado, configura um dos traços do discurso da extrema direita que o elegeu. Ligado a isso, há a ideia do “gigantismo estatal”, que, na visão do enunciador, implica “irresponsabilidade econômica” e impede o desenvolvimento pelo fato de intervir na economia e regular, entre

outros elementos, as relações entre capital e trabalho (daí a presença da figura “desamarrar”)<sup>9</sup>. Em boa medida, para o enunciador, o considerado “gigantismo estatal” é reflexo da “submissão ideológica”, razão pela qual ele se refere à própria posse como “o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo”, em referência às políticas adotadas pelas gestões petistas nos últimos anos. Desse modo, a /opressão/ do presente, tal como é concretizada nos pronunciamentos em análise, envolve o predomínio de valores e práticas atribuídas ao espectro político a que se opõe o enunciador.

Cabe ressaltar que essa submissão ideológica, na ótica do enunciador, não atinge apenas a área econômica e a esfera administrativa, mas também a dos costumes, algo intensamente explorado por setores mais conservadores e que configura igualmente um dos traços do discurso de campanha do grupo político de Bolsonaro. Trata-se de ideologias que, nessa ótica, dividem o povo e “que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias”. Nessa forma de construir a /opressão/ do presente, que é uma das características do discurso de viés messiânico, chega-se ainda à pauta dos costumes graças a uma referência explícita ao tema da diversidade sexual, com a expressão “ideologia de gênero”, com a qual setores conservadores buscam lançar em descrédito estudos e/ou propostas de políticas públicas relativas à sexualidade que não se enquadram em sua visão de mundo e em seus valores religiosos<sup>10</sup>.

Daí, prossegue o enunciador, a necessidade de “valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores”. Nesse sentido, na sua perspectiva, sua posse como presidente é considerada também o dia em que o Brasil começa a livrar-se “do politicamente correto”, o que, em grande medida, tem sido a forma como grupos conservadores tentam enquadrar ações que buscam proteger determinados grupos minoritários. É o caso da alusão às políticas de ações afirmativas, combatidas aqui com o discurso da meritocracia (“[cidadãos] que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias”).

A questão do “politicamente correto” faz eco ainda ao “direito de ter opinião”, algo que foi dito no primeiro pronunciamento. Esse “direito” vai ficando mais claro aqui, pois a /opressão/ construída no/pelo discurso do enunciador passa também pelo fato de que, mais recentemente,

---

<sup>9</sup> Não à toa, o Ministério do Trabalho foi extinto no início do governo Bolsonaro.

<sup>10</sup> Para a discussão desse tema, remetemos o leitor a trabalhos como o de Reis e Eggert (2017).

certos grupos têm denunciado um tratamento preconceituoso para com eles e têm procurado direitos e proteção contra formas de violência física ou simbólica, as quais são, em geral, aceitas em uma visão de mundo extremamente conservadora. É o caso, em especial, de expressões do feminismo e da luta contra a homofobia.

Há, portanto, naquilo que concretiza a /opressão/ no discurso do enunciador, traços de uma reação conservadora que articula “família, religião e nação”, de acordo com Messenberg (2017, p. 636), citando Hirschman (1992), o que faz da afirmação da /opressão/ uma espécie de efeito da afirmação da /profanidade/. O pronunciamento faz apelo a uma identidade, sobretudo, religiosa que reage a uma série de transformações sociais que parecem configurar uma ameaça a essa identidade, tomada como a expressão do país como um todo.

Outro elemento que merece destaque nos fragmentos citados é a retomada do tema da segurança pública, já evocada no primeiro pronunciamento. Cabe lembrar que o tema de combate à criminalidade pela repressão policial é uma constante no discurso da extrema direita, tendo sido bastante explorado na campanha presidencial de Bolsonaro. Nos excertos citados, o tema ganha um tratamento mais definido, pela defesa de se armar a população (“o cidadão de bem merece dispor de meios para se defender”) e pela solução atrelada à repressão policial (“Contamos com o apoio do Congresso Nacional para darem respaldo jurídico para os policiais realizarem seu trabalho”<sup>11</sup>).

Isso parece relacionar-se com a referência à “inversão de valores” de que fala o enunciador, configurando, nesse contexto, uma crítica à defesa dos Direitos Humanos, algo frequente em falas de Bolsonaro e comum à visão de mundo do grupo que o promoveu nas eleições. Como mostra o estudo de Messenberg (2017, p. 638), a recusa aos Direitos Humanos é uma das ideias-força presentes nas manifestações da direita que emergiu nos últimos anos no Brasil. A /opressão/ ligada à criminalidade e à violência que a população sofre é, nesse sentido, a

---

<sup>11</sup> Lembramos que Bolsonaro é defensor do que chama de “retaguarda jurídica” para policiais e agentes de segurança, isto é, uma proposta de alteração da “excludente de ilicitude” para benefício específico desses agentes. Trata-se de uma proposta aventada, mas não claramente definida, sendo, por isso, fortemente criticada por defensores dos Direitos Humanos e juristas pelo risco de ir contra investigações sobre a necessidade e a adequação dos atos dos agentes de segurança pública no exercício de suas funções, atos que atualmente são investigados porque podem eventualmente mostrar-se abusivos e, por isso, gerar condenação. Apenas para situar o leitor eventualmente à margem do debate, indicamos a matéria publicada no site do jornal *Correio Brasiliense*. Disponível em:

<https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/11/13/interna-brasil,719338/o-que-e-a-excludente-de-ilicitude-que-bolsonaro-quer-mudar.shtml>. Acesso em 20/04/2019.

expressão de uma política que, na ótica do enunciador, impede o cidadão de se defender e dificulta a repressão policial.

Esses elementos ficam mais claros no último pronunciamento: aquele em que, no Parlatório, o já empossado Presidente Jair Bolsonaro se dirige ao povo brasileiro com a faixa presidencial. Nesse pronunciamento, o enunciador não apenas recupera os elementos negativos já descritos (“E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”), mas também – e sobretudo – passa a falar das transformações que poriam fim ao quadro negativo do presente, levando à redenção desejada.

Ocorrem, assim, temas que concretizam a afirmação da /sacralidade/ e da /liberdade/, previstas para um futuro próximo e apontadas como o resultado da *performance* de um governo “honesto e eficiente” (“apoiando e pavimentado o caminho”), quais sejam: o respeito aos preceitos religiosos da tradição judaico-cristã e o predomínio de valores conservadores, de modo geral (diminuição do papel do Estado, em favor da meritocracia e da “liberdade” para empreender; posição favorável à repressão policial e ao armamento da população como forma de proteção ao cidadão comum; desconsideração dos Direitos Humanos, tomados como uma “inversão de valores”, e a consequente proposta de restabelecimento de “padrões éticos e morais”).

Ressalte-se que aquele que se instaura como sujeito operador daquilo que levará à transformação do país é modalizado (manipulado) por um *dever* e por um *querer-fazer*, estendidos a todos os brasileiros em um novo programa narrativo de manipulação (“E convido a todos...” / “Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos...”), sendo, pois, a população convocada a atuar como adjuvante ou auxiliar do sujeito de fazer na futura redenção do país. Em P2, esse mesmo “apelo manipulatório” já havia sido feito aos congressistas (“convoco cada um dos congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e reerguer nossa pátria...”) <sup>12</sup>. Vejamos os trechos de P3 que acabamos de analisar:

---

<sup>12</sup> Isso pode ser associado ao que Brito (2015, p. 227) chama de “messianismo pragmático”, que se caracteriza por um apelo a ações que, ligadas a um projeto de poder que se busca legitimar, são tomadas como uma missão terrena ligada ao sagrado.

P3 E ao governo cabe ser honesto e eficiente. Apoiando e pavimentando o caminho que nos levará a um futuro melhor, ao invés de criar pedágios e barreiras.

P3 Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Nossa preocupação será com a segurança das pessoas de bem e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança.

P3 Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais.

P3 Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade. E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, restabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil.

P3 O brasileiro pode e deve sonhar. Sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto do seu trabalho pela meritocracia.

Verificamos ainda, nesses trechos, uma clara oposição entre um “nós” (as ditas pessoas de bem) e um “eles”, que são figurativizados como bandidos, crime organizado, destruidores de lares e promotores da insegurança. Estes, aliás, são em geral defensores e/ou produtos de “ideologias nefastas”, o que explica o desejo de “retirada do viés ideológico” do país, como se apenas as políticas e pautas atribuídas à esquerda fossem marcadas pela ideologia e como se isso fosse uma compreensão que desvirtua a realidade<sup>13</sup>.

A oposição entre as “pessoas de bem” e as “pessoas do mal”, por sua vez, faz prever uma triagem<sup>14</sup> no âmbito de uma sociedade em que essas categorias se encontram “misturadas”. Essa triagem, como se vê, está relacionada a uma sanção cognitiva que toma o “eles” como antissujeitos, caracterizados por um *fazer* contrário (descrito como “destruição”) aos “valores e tradições” inerentes a um contrato social, alicerçado na figura da família. A sociedade ideal prevista nos pronunciamentos do enunciador passa, pois, por uma triagem da mistura, capaz de purificar essa sociedade, eliminando dela os valores do “eles”, em favor dos valores do “nós”. Assim, é essa “sociedade purificada” do ponto de vista religioso, moral e social que constitui a plenitude futura desejada no quadro da redenção proposta, ideia que ocorre, com frequência, no discurso messiânico.

---

<sup>13</sup> Como já foi explicado (ver nota 6), do ponto de vista semiótico, a *ideologia* pode ser tomada como uma visão de mundo de uma certa classe (Fiorin, 2007, p. 32), o que permite dizer que não existe uma sociedade sem ideologias e que aqueles que se manifestam contra uma delas expressam a sua própria ideologia.

<sup>14</sup> Inspirando-se na antropologia, Zilberberg (2006, p.192-193) considera que “qualquer que seja o gênero adotado, o discurso opera por triagens e misturas”. Trata-se, nesse caso, de categorias pertencentes à semiótica tensiva, mais especificamente, à gramática extensiva. Para ele, “o sujeito semiótico não pode evitar de triar misturas, visando a um valor de absoluto, e de misturar triagens, visando a um valor de universo”.

A proposta de redenção do país passa ainda pela exploração do que seriam as suas potencialidades inatas, reafirmando-se, com isso, o viés religioso/nacionalista dos pronunciamentos em exame. Em P3, o enunciador recorre ao discurso fundador da brasilidade, constituído a partir da carta que Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei Dom Manuel, em 1º de maio de 1500<sup>15</sup>, o que pode ser visto no trecho abaixo:

P3 Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e um povo maravilhoso.

Por meio dos dados analisados ao longo desta seção, é possível constatar que os três pronunciamentos de Bolsonaro dão voz a um discurso marcado por valores extremamente conservadores e autoritários reafirmados com um forte apelo messiânico. Nesses pronunciamentos, o processo eleitoral de 2018 ganha ares de luta do bem contra o mal, luta de que participa o enunciador, vitorioso nas eleições, na condição daquele que foi investido de uma missão divina de livrar o Brasil de uma série de mazelas sociais e morais e de levá-lo à grandeza a que estaria destinado.

#### **4. Considerações finais**

A análise realizada permitiu reconstruir, nos textos examinados, um discurso extremamente conservador e autoritário (revestido de “promoção da liberdade”), que toma como ideal político uma sociedade em que se vejam excluídos sujeitos com ideias, valores e costumes diferentes, notadamente quando ligados a práticas/ideais que promovem/reafirmam a diversidade (sexual, religiosa, política etc.) e os direitos de grupos marginalizados. Não por acaso o grupo político bolsonarista é defensor do regime militar, que parece oferecer, nesse messianismo autoritário, o passado idealizado que se busca reaver, o que está em sintonia com as ideias de Schwarcz (2019) apresentadas anteriormente.

Nesse sentido, o que se constata é que, mais do que a preocupação com os problemas em si, esse discurso se volta contra aqueles que são acusados de degradar social, econômica e moralmente a pátria. Vê-se, pois, o que Messenberg (2017, p. 635-636), citando Girardet (1987), já havia observado sobre “o mito do complô” e “a eleição de bodes expiatórios” na cosmovisão da extrema direita que chegou ao poder. Como aponta a autora, o recurso a essas

---

<sup>15</sup> Referimo-nos à expressão consagrada “em se plantando tudo dá”, que, construída a partir de um trecho da Carta de Caminha, remetia à fertilidade das terras brasileiras e ao potencial do país.

ideias tem a função de explicar, de modo simples, uma dada dimensão da realidade, ao atribuir a responsabilidade única, relativa a uma série de acontecimentos tidos como negativos, a certos grupos que se quer excluir (o “eles”), o que, paralelamente, reafirma a identidade a ser preservada (a do “nós”).

Ao mesmo tempo, foi possível observar que os pronunciamentos examinados assumem um claro viés messiânico, que atribui à instância divina o que, na realidade, é o ideal de um grupo específico. Repete-se, portanto, em uma versão à brasileira, um messianismo que expressa uma visão de mundo marcada por valores primitivos, míticos, segundo a qual “o religioso deve corrigir o político e o social” (Brito, 2015, p. 222). Trata-se, pois, de um projeto político excludente e próprio de um espectro político autoritário que o enunciador-presidente, por meio de um apelo messiânico, busca vincular a um plano divino para “salvar” uma nação que, destinada à grandeza desde a sua origem, estaria sendo degradada.

### **Conflito de interesses**

(X) Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.

### **Contribuição dos autores**

Nós, Clebson Luiz de Brito e Glaucia Muniz Proença Lara, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Declaramos ainda que nós participamos de maneira igual da concepção, elaboração e revisão do trabalho como um todo. Informamos, por fim, que aprovamos a versão final do manuscrito, sendo, portanto, responsáveis por todos os aspectos envolvidos, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.

### **Referências**

Almeida, R. (2019). Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, 38(1), 185-213. <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>

Baronas, R. L. (2021). *O amargo da língua de Bolsonaro: discurso e linguística popular*. Grácio Editor.

Barros, D. L. P. (1988). *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. Atual.

Brito, C. L. (2015). *A configuração do discurso messiânico em uma perspectiva semiótica e argumentativa* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais  
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-A7DR8F>

Cesarino, L. (2019). On Digital Populism in Brazil. *PoLAR: Political and Legal Anthropology Review* <https://polarjournal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/>.  
(Acessado 10 de setembro, 2022).

Cesarino, L. (2020). Como as mídias sociais proporcionam uma política populista: observações sobre liminaridade com base no caso brasileiro. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(1), 404-427. <http://dx.doi.org/10.1590/01031813686191620200410>

Charaudeau, P. (2013). *La conquête du pouvoir: opinion, persuasion, valeur. Les discours d'une nouvelle donnée politique*. L'Harmattan.

El-Jaick, A. P. (2020). A discursive analysis of Jair Bolsonaro: populist and ethical (lack) of limits through language. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(1), 538-560.  
<https://doi.org/10.1590/01031813682381620200403>

Emery, B., & Pereira, B. (2015). L'aura messianique d'un petit peuple intrépide. In A. Vieyra (Ed.), *Histoire du futur* (pp. 18-26). Ellug/Université Stendhal.

Empoli, G. (2020). *Os engenheiros do caos*. Tradução Arnaldo Bloch. Vestígio

Fatha, S. (2010). Messianisme. In R. Azria, & D. Hervieu-Léger. (Eds.), *Dictionnaire des faits religieux* (pp. 714-718). PUF.

Fiorin, J. L. (2006). *Elementos de análise do discurso*. Contexto.

Fiorin, J. L. (2007). *Linguagem e ideologia*. Ática.

Freixo, A., & Pinheiro-Machado, R. (2019). Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In R. Pinheiro-Machado, & A. Freixo (Eds.), *Brasil em transe: nova direita e desdemocratização* (pp. 9-24). Oficina Raquel.

Girardet, R. (1987). *Mitos e mitologias políticas*. Companhia das Letras.

Greimas, A. J., & Courtés, J. (2008). *Dicionário de semiótica*. Contexto.

Hénault, A. (2012). *Les enjeux de la sémiotique*. PUF.

Hirschman, A. (1992). *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. Companhia das Letras.

Hruby, K. (1984). Messianisme juif. In P. Poupard (Ed.), *Dictionnaire des religions* (pp. 1314-1316). PUF.

Lara, G. M. P., & Matte, A. C. F. (2009). *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Nova Fronteira.

Löwy, M. (2015). Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Tradução Deni Alfaro Rubbo, & Marcelo Netto Rodrigues. *Serviço Social & Sociedade*, 124, 652-664. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>

Mercuri, K. T., & Lima-Lopes, R. E. (2020). Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(2), 1216-1238. <https://doi.org/10.1590/01031813760991620200723>

Messenberg, D. (2017). A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado*, 32(3), 621-648. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>

Moura, M., & Corbellini, J. (2019). *A eleição disruptiva: porque Bolsonaro venceu*. Record.

Nobre, M. (2020). *Ponto-final: A guerra de Bolsonaro contra a democracia*. Todavia.

Queiroz, M. V. (1966). *Messianismo e conflito social: A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*. Civilização Brasileira.

Reis, T., & Eggert, E. (2017). Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, 38(138), 9-26. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017165522>

Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.

Silva, D. C. P. (2020). Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(2), 1171-1195. <https://doi.org/10.1590/010318137409916202006241>

Silva, D. N. (2020a). Mecanismos digitais e semióticos dos populismos contemporâneos (Parte 1) – Uma apresentação. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(1), 386-389. <https://doi.org/10.1590/01031813686241220200410>

Silva, D. N. (2020b). The Pragmatics of Chaos: Parsing Bolsonaro's Undemocratic Language. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(1), 507-537. <https://doi.org/10.1590/01031813685291420200409>

Silva, D. N. (2020c). Mecanismos digitais e semióticos dos populismos contemporâneos (Parte 2) – Uma apresentação. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(2), 1047-1950. <https://doi.org/10.1590/01031813761291420200723>

Solano, E. (2019). A bolsonarização do Brasil. In S. Abranches et al. (Eds.), *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje* (pp. 307-321). Companhia das Letras.

Tatit, L. (2002). A abordagem do texto. In J. L. Fiorin (Eds.), *Introdução à Linguística I: objetos teóricos* (pp. 187-209). Contexto.

Tavares, O. (1998). *Fernando Collor: o discurso messiânico – o clamor ao sagrado*. Annablume.

Telles, H. S. (2015). Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional. *Revista Interesse Nacional*, 30, 28-46.

<https://interessenacional.com.br/corruptao-legitimidade-democratica-e-protestos-o-boom-da-direita-na-politica-nacional/> (Acessado 10 de março 2022).

Viscardi, J. M. (2020). Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 59(2), 1134-1157.

<https://doi.org/10.1590/01031813715891620200520>

Zilberberg, C. (2006). Síntese da gramática tensiva. *Significação: Revista De Cultura Audiovisual*, 33(25), 163-204. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65626>

Zmigrodzka, M. (1986). La motivation mystique du messianisme polonais. In Jerzy Parvi, Paul Viallaneix, & Joanna Zorowska (Eds.), *Actes du colloque Le prophetisme et le messianisme dans les lettres polonaises et françaises à l'époque romantique* (pp. 225-236). Ed. Université de Varsovie.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.